DRUMMOND E SUA CONCEPÇÃO DE POESIA

Lionira Maria G. Komosinski

INTRODUÇÃO

Para Drummond, o que significa ser poeta? Qual a concepção de poesia que possui o maior escritor do Brasil? Quem nos responde estas indagações é a própria obra do poeta em questão. Os seus livros, desde “Alguma Poesia” até “Lição das Coisas”, possibilitam uma visão gradual do tema em estudo.

A fim de encontrar o que procurávamos — a concepção drummoniana da poesia — limitamo-nos aos seguintes aspectos dos seus poemas: o comprometimento do homem como poeta; a luta do poeta com a palavra; o relacionamento do poeta com o mundo através da memória.

DRUMMOND E SUA CONCEPÇÃO DE POESIA

O estudo dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, realizado com o fim específico de deduzir da obra a concepção de poesia do seu autor, levou-nos ao registro dos aspectos que seguem.

1. A assunção do poeta

Drummond começa a nos falar do poeta e/ou do poema quando em tom de piada e de crítica: “Eu também já fui poeta. / Bastava olhar para mulher. / pensava logo nas estrelas” (1). Note-se que o autor diz já fui poeta e faz referências aos tempos que então o inspiravam: mulheres, estrelas. E na mesma estrofe que Drummond faz a correção desta sua primeira atitude: “Mas eram tantas / o céu tão grande, / minha poesia perturbou-se” (2), alertando-se e alertando-nos para a impossibilidade e a inutilidade de temas vazios, comuns a todos os poetas menores. Esta constatação, contudo, não é suficiente para que o poeta se defina: “Eu também já tive meu ritmo /.../ não tenho ritmo mais não” (3). Mulheres e estrelas, tema presente em toda a poesia lírica, ainda não têm substitutos.

No mesmo livro dos versos acima — Alguma Poesia — Drummond nos diz da situação do poeta em relação ao público: “O jornal governista ridicularizava seus versos, / os versos que ele sabia bons. /.../ E a desleixar os versos” (4). Temos aqui um testemunho de que o poeta, para continuar sendo poeta, precisa do incentivo de seguidores, do elogio da crítica, uma vez que é um homem igual aos outros: “O poeta chega na estação /.../ como qualquer homem da terra, / uma ovação o persegue / feito vaia” (5). Temos ainda o poeta em luta consigo mesmo e com o mundo, num titubear diante da missão que julga ser a de falar a verdade e a de ser, ao mesmo tempo, um cidadão como aqueles que o rodeiam, com o direito de possuir os mesmos problemas e de engajar-se nas mesmas idéias.

Em “Poesia” (6) nota-se a presença do poeta invadido pela poesia do mundo, com o verso inquieto dentro dele, pronto para ser escrito, mas ainda há relutância na escrita. Esta hesitação pode ser percebida também no verso “(Desconfio que escrevi um poema)” (7). O autor sente-se pronto para a poesia, mas as dúvidas impedem e/ou dificultam a concretização da obra. O poeta parece aceitar a idéia de que “mulher e estrelas” podem ser substituídas pelos problemas que afigem o mundo e, consequentemente, pelo homem. Esse verso, mesmo entre parênteses, é uma reconsideração do que fora afirmado no início do poema: “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade”. E, ainda, um despertar, é um posicionamento do poeta diante do mundo, como poeta. É um voto de confiança à luta com a palavra.


Contudo, enquanto o poeta faz tais afirmações, está comprovando o contrário. No mesmo poema diz conhecer a existência “do tiroteio, da revolução, do amor e do sacrifício”. “Tudo é possível, só eu impossível”. Negando a possibilidade de abordar problemas do mundo, está tratando deles ou, ao menos, acusando o seu conhecimento. É um recuo aparente que, na verdade, não existe.
Em “Sentimento do Mundo” há a aceitação da poesia como veículo de comunicação entre o poeta e o mundo. Este é assumido como tema de poesia: “Essa incessante morrer / que nos seus versos encontro / é tua vida, poeta, / e por ele te comunicas / com o mundo em que te esvasi” (11).

Drummond assume o mundo tal qual ele é: “Não sei o poeta de um mundo caduco. / Também não cantarei o mundo futuro. / Estou preso à vida e olho meus companheiros” (12). É a vida e mundo presentes que interessam. Poeta e mundo estão unidos porque ao primeiro interessa somente o problema do homem. O ofício de poeta é assumido e, com ele, os problemas humanos, razão de ser da obra poética. Seu instrumento de trabalho — a palavra — pode ser diferente daqueles dos seus companheiros, mas a meta a atingir é a mesma: a redenção humana.

2. A luta do poeta e pela palavra

A poesia é a arte que se manifesta pela palavra. Tal constatação poderia nos levar à falsa convicção de que poesia seja algo que está ao alcance de todos quantos saibam ler e escrever. Drummond também nos diz que isto não é verdadeiro: “Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever” (13). Seria fácil lançar no papel palavras que contivessem uma carga de imagens e de conceito. Entretanto, a palavra poética deve estar além disto. Esse verso que é pensado, que está vivo e inqueito dentro do poeta, precisa vir à luz através de palavras que vivenciem um sentido, que tragam aquilo que é fruto da intuição, através de imagens. Esta nova linguagem não vai refletir uma cópia, mas sim um estado, uma situação que deve ser medida com base num nível próprio, interior. Por isso deverá ter uma força persuasiva capaz de provocar no leitor a mesma experiência do autor.

A pena não quer escrever e o poeta luta com as palavras: “Lutar com as palavras / é a luta mais vã. / ... / Lutar com palavras / parece sem fruto. / Nâo têm carne e sangue / ... / Entretanto, luto” (14). É nesta luta que se origina a obra literária. Heidegger, em seu trabalho “A origem da obra de arte”, reconhece estar num círculo vicioso quando diz que o artista é a origem da obra; a obra, a origem do artista e que o conceito de arte deve ser deduzido da obra. Sem dúvida, o artista é anterior à obra e esta é fruto da luta pela palavra, uma vez que vivemos e pensamos por ela. O poeta é aquele que pensa sobre o homem, que registra e guarda os frutos do seu pensar através da palavra.

Por que Drummond usa a expressão “lutar”? O homem entra em contato com o mundo que o rodeia quando associa as coisas que o circundam aos sons que as designam e/ou às palavras que nomeiam estes seres. Contudo, este mesmo homem é capaz de alcançar um estágio mais alto do pensar. É quando sentimos necessidade de formar novas palavras, conceber novas acepções para velhas formas, estabelecer novos agrupamentos. Mas as palavras “São muitas, eu pouco. / Algumas, tão fortes / como jévali” (15). E o poeta, que não se julga um louco, precisa lutar para não perder o pensamento criado, para sobreviver, uma vez que a vida da poesia depende da palavra.

Sendo a linguagem uma instituição coletiva que é legada de geração a geração, possui regras que se impõem àqueles de que dela fazem uso. A linguagem é anterior ao homem e a luta “com as palavras parece sem fruto”, Drummond aceita a luta porque: “As palavras não nascem amarradas, / elas saltam, se beijam, se dissolvem, / no céu livre por vezes um desanho, / são puras, largas, autênticas, indevasíveis” (16). O poeta reconhece a existência de uma pluralidade de significados coexistindo num mesmo significante; a possibilidade de criar novas relações a fim de que tragam uma reestruturação da linguagem, possibilitada pela abertura do discurso literário. Os versos acima transcritos evidenciam uma “falta de linguagem” que leva o autor a novas explorações verbais.

Esta assertiva parece contradizer o que afirmamos anteriormente, ao nos referirmos à linguagem como instituição social legável. Na verdade, ela vem comprovar a existência de formas primitivas, advindas de uma fonte comum, que possibilitam as variantes que hoje possuímos. Quando Drummond diz que “as palavras não nascem amarradas” e que “são puras, largas e autênticas” diz, simultaneamente, que a “linguagem apresenta-se como uma possibilidade de ser para o homem, como uma protótipo que antecipa todas as formas e modalidades do vir-a-ser das expressões” (CRIPPPA p. 93).

Ao poeta cabe, segundo Croce, empregar as formas primeiras que não degeneram e que são distintas daquelas empregadas pela linguagem prosaica. E, como diz Dufrenne, a poesia “não reflete sobre a linguagem, ela a produz; mas não a inventa, apenas transfigura a linguagem comum” (DUFRENNE p. 48). Este retorno à linguagem primordial, várias vezes é manifesto nos poemas drummonianos “O que quer o homem? salvar-se / ao prêmio de uma canção...” (17). Nos traz a permanência, a vida conquistada pela conquista da palavra; a instauração de um mundo novo que, para Heidegger, parece nascer da ausência de algo e que constitui o ser-obra da obra. Este mundo não significa a totalidade das coisas da natureza nem a comunidade humana, mas “o inobjetivo, o inumerável”. Para instaurar este mundo é necessário elaborar a terra, abri-la e superá-la na sua tentativa de reter a criação nas suas entranhas.
Drummond mantém esta luta que transparece nos versos: "Não fazas versos sobre acontecimentos. /.../ O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia. /.../ O canto não é a natureza nem os homens em sociedade" (18). Temos nestes versos a concepção de poesia. O poeta alerta-nos sobre o ser da verdadeira poesia: "o objeto só se nos entrega com a linguagem, na linguagem e por meio dela: procurar qualquer coisa por detrás da expressão verbal é procurar no vazio" (PFEIFFER p. 14). A poesia não é uma forma que funciona como receptáculo de conteúdo ou como meio de comunicação. A arte se relaciona com a natureza, mas não se confunde com ela. O poema não fala de algo ou por alguma coisa; ele fala por si. Ele não comunica; ele é. A comunicação ou, antes, a informação que obtivemos dele é resultado do fato de o poema ser. As palavras que o compõem não ocultam nada atrás de si, além de si, como quando empregadas na comunicação.

No mesmo poema — "Procura de Poesia" — Drummond nos chama a atenção para o fato de que o poema o continente de si mesmo quando fala: "A poesia (não tires poesia das coisas) / elide sujeito e objeto". A palavra poética não nos remete ao real; ela é o real e tem por finalidade atualizar uma situação intuível, revocar em nós a poesia intuitiva pelo autor: "Penetra surdamente no reino das palavras. / Já estão os poemas que esperam ser escritos. /.../ Convive com teus poemas, antes de escrevê-los" (19). Esta deve ser a atitude do poeta e idêntica deverá ser a do leitor.

A elisão sujeito e objeto é perceptível também nestes versos: "O poeta / declina de toda responsabilidade / na marcha do mundo capitalista / e com suas palavras, intenções, símbolos e outras armas / promete ajudar / a destruí-lo" (20).

Este aparente recuo diante da "marcha do mundo capitalista"; este simulado desligamento do poeta com o mundo — objeto de seu trabalho e fonte da sua linguagem — é, na verdade, o resultado da integração, do acúmulo de experiências havidas entre o homem e o mundo, entre o homem e o universo em que se envolvem. Somente este relacionamento possibilita o surgimento das palavras que servem de arma para o poeta, no combate a este mundo que ele rejeita.

3. Poeta, mundo e memória.

Essa consciência do estreito relacionamento entre o ser que canta e aquele que é cantado, nem sempre esteve suficientemente clara para Drummond. É o que se pode ver nos versos: "Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade. / Impossível escrever um poema — uma linha que seja de verdadeira poesia. / Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples" (21).

Realmente a tecnologia fez surgir uma ânsia de objetividade, tornando a vida, para muitos, empobrecida. O progresso põe entre o homem e o objeto um grande abismo. O homem, apesar disto, graças à força interior que possui e que faz nascer a necessidade de exteriorizar o que sente, sai de dentro de si e se liga sobre a natureza que o rodeia. Então, extrai dela os bens que lhe darão o prazer de vivir.

Se o homem se submetesse ao mundo tecnológico seria um escravo. É pela literatura que o ser humano se liberta das condições externas. Isto só ocorre porque os valores éticos possuem autonomia e não se constituem numa normatividade, nem do sujeito nem do objeto. "O artista não está cercado pelas imposições de correspondência à realidade — ele parte da realidade para criar a realidade. Porque o resultado artístico não é o tema, nem a forma, mas a tensão constitutiva de um novo fenômeno, que é o fenômeno da arte" (PORTELLA p. 24). Drummond parece estar tomando consciência disto quando, timidamente, coloca entre parênteses: "(Desconho que escrevi um poema)" (22).

Dissemos acima que o poeta não cria o mundo que o rodeia, mas que cria um mundo a partir da convivência com esse mundo. Logo, o poeta é um criador e esta integração entre o eu e o mundo é oriunda também da memória.

Em Drummond, a memória aparece como meio de re-sensitizar o mundo e como possibilidade de repetição. O poeta não é apenas um ressensitizado como ele diz em "Conclusão", mas é aquele que res-sente a vida e a recría: "Tudo foi breve / e definitivo. / Eis está gravado / não no ar, em mim, / que por minha vez / escrevo, dissipou" (23).

Para Bergson, existem dois tipos de memória: aquela que imagina — memória por excelência — e a outra que repele. O re-seinimento se dá pela reativação de imagens passadas, através de um gesto voluntário que leva o poeta ao conhecimento da sua própria essência.

A memória é a capacidade de repetir com criatividade, de fazer aquilo que já foi feito pelos seres primordiais. Assim sendo, repetir é voltar ao princípio.

Drummond nos diz que a poesia se repete sempre, o que a torna uma memória que se prolonga: "Retomai minhas palavras, / meus bens minha inquietação, / fazei o canto ardoroso, / cheio de antigo mistério / mas lítido e resplendente" (24). Voltar às
antigas formas, às formas primeiras, equivale a anular o tempo. A repetição equivale à fixação do passado e à reexperiência do tempo antigo. Presente, passado e futuro tornam-se presente: “Dentro de mim, bem no fundo, há reservas colossais de tempo, futuro, pós-futuro, pre-tério” (25). O presente é constante, grãs a repetição, ao retorno que é, aliás, uma das características marcantes dos poemas de Drummond.

Nos livros “Fazendeiro do Ar” e “Eloição das Coisas” esta problemática do tempo se faz bastante clara. Vejamos o poema “Eloégia”. No verso “Ganhei (perdi) meu dia”, temos a dicotomia ganho e perda que, na verdade, equivale a dizer que a toda perda segue-se um ganho; que a todo fim corresponde um começo, que a todo passado corresponde um presente e um futuro. Recolher-se ao seio de fantasmas equivale a tornar presente o passado. Neste recolhimento, nesta presentificação do passado, pela memória, o poeta recorda aquilo que poderia reviver. Nesta atitude, sem saber o que faz “é jogo ou poesia”, Drummond nos diz que a poesia, mesmo lúdica, é memória.

Ao falarmos no tempo sempre presente, e/ou no “eterno retorno” temos que retomar a palavra poética que, com seu poder de revocação, mantém a vida e ressuscita os mortos; se instaura como memória organizada, possível de ser transmitida. “Bem te conheço, voz dispersa nas quebradas, mantém vivas as coisas nomeadas. Que seria delas sem apelo à existência” (26).

Esta palavra que anula o tempo, que reergue o mundo original, estabelece um discurso que permanece além dele mesmo, estabelece um discurso poético.

CONCLUSÃO

Fazemos, acima, algumas referências à palavra poética de Drummond e às decorrências do seu uso: elíssio sujeito e objeto; anulação do tempo e consequente eternização da vida. Os versos referentes à luta do poeta com e pela palavra compreendem uma atitude poética de autor em estudo. Eles nos dizem da sua consciência sobre a pré-existência da linguagem em relação ao homem e, concomitantemente, da sua existência para o homem. A este cabembrar-se sobre as palavras e encontrar a chave que abra o mundo nelas escondido. Vencida esta etapa, o poeta restituirá às palavras a espontaneidade, a naturalidade, a força, próprias da palavra poética.

“As palavras não nascem amarradas” “pois a linguagem planta suas árvores no homem e quer vê-las cobertas de folhas, de signos, de obscuros sentimentos...” (27). É Dufrenne quem nos auxilia a descobrir o sentido destes versos: “Com efeito, as palavras primordiais têm um sentido flexível, não indeterminado, mas antes superdeterminado” (p. 40). Esta pluralidade da palavra advém das múltiplas e grandes imagens que o mundo nos oferece. O poeta, como ser integrante do mundo que “não foge ao mínimo objeto / nem recusa o grande”; que constata o “desafio da palavra e acerta o combate”, reconhece que a palavra poética reúne em si uma significação múltipla.

Se o mundo oferece imagens ao poeta, como se explica o que dissemos no início: o poeta não copia o mundo? Drummond é claro neste aspecto. A poesia não reflete uma cópia do mundo, da natureza, porque ela é instauradora de um mundo, pela reativação da linguagem. Qual é, então, o mundo do poeta? É um mundo irreal e imaginário, se o compararmos com a realidade objetiva, referencial. O mundo da obra poética de Drummond é um mundo próprio, real e possível pela palavra. O homem, produto da natureza e, consequentemente, correlato do mundo que é dinâmico, torna-se agente da história. Possuidor de consciência, capta e divulga a natureza, transformando-a em mundo. Esta transformação, esta criação, se dá pela palavra poética. Esta é a meta da poesia drummoniana.

Drummond “sente” o mundo e o homem que vive nele. Daí a necessidade de mudá-lo através daquilo que dá liberdade ao homem: esperança e imaginação. Sofrer o mundo sem a pretensão de mudá-lo é negar a liberdade e as possibilidades da imaginação, alimentadas pela natureza.

Fizemos referências à memória. A poesia de Drummond é mais descobrimento do que invenção; é uma volta às raízes a fim de re-ver um mundo que possua significação universal. O poeta sujeita-se a manifestar o pré-existente como destino do homem: “Toda forma nasce uma segunda vez e torna / infinitamente a nascer”.

É em “Mãos Dadas” que Drummond nos diz claramente os motivos dos seus poemas. As mulheres e as estrelas têm substitutos: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / a vida presente” (28). Este tempo não é o passado (“mundo caduco”) nem o futuro. O poeta possui uma perspectiva dinâmica da vida, que é sempre presente. Daí o papel do poeta na história: impedir que o “mundo caduco” entre sua continuidade caduca num futuro que será caduco se a idade de estaticidade prevalecer. Isto somente acontecerá se o homem deixar de atuar sobre o ambiente em que vive. Dizer “Estou preso à vida e olho meus companheiros” equivale a afirmar: sou poeta do presente, participo do estado poético da natureza e sou sensível
àquilo que ela me propicia. Lutando com palavras, procuro restabelecer o equilíbrio no mundo. Isto é poesia, isto é ser poeta.

RELAÇÃO DOS POEMAS CITADOS NO TRABALHO

(1) (2) (3) Também já fui brasileiro.
(4) Política
(5) Nota social
(6) Poesia
(7) O sobrevivente
(8) Explicação
(9) Convite triste
(10) Segredo
(11) Ode ao cinqüentenário do poeta brasileiro
(12) Mãos dadas
(13) Poesia
(14) (15) O lutador
(16) Consideração do poema
(17) O arco
(18) (19) Procura de poesia
(20) Nosso tempo
(21) (22) O sobrevivente
(23) Ontem
(24) Cidade pravista
(25) Idade madura
(26) A palavra e a terra
(27) À Luís Maurício, Infante
(28) Mãos dadas

BIBLIOGRAFIA CITADA